

AS PRECES SÃO IMUTÁVEIS

1

- Ah, olá. Seja bem-vinda, senhorita.
- Muito obrigada.
- Por favor, não fique de pé. Eu recomendo essa poltrona *bergère* vermelha. É muito confortável.
- Obrigada.
- Talvez a Zelda tenha se assustado um pouco com você. Não ligue para ela. Quando ela tinha seis anos de idade, foi levada com sua família a um campo de concentração. Seus pais foram mortos diante de seus olhos. Por isso, ela nunca fala. Mas não se deixe levar por essa situação. Ela é uma boa mulher. Faz quase trinta anos que cuida desta casa, e nunca vi uma falha sequer nela.
- Não se preocupe, eu não fiquei com medo.
- Mas você parece estar um pouco nervosa...
- Eu sempre fico assim nas entrevistas de emprego. Acho que por isso, nunca consegui me sair muito bem em toda minha vida.
- Senhorita, não veja isso como uma audiência.

- Então como devo enxergar?
- Veja como um ato de hospitalidade. Sei lá, ou como um passeio noturno. Considere como se estivesse visitando uma tia que mora longe.
- Entendo.
- Mas e o seu sobretudo?
- Que tem o sobretudo?
- Nada. Aliás, eu gosto muito dessa cor. Chama-se violeta, não é?
- A senhora tem razão, violeta.
- Onde o comprou?
- Numa loja em Beyolu.
- Ah, Beyolu... Ainda é bonita como antigamente?
- Isso depende do que a senhora quer dizer com “bonita”. Se está falando da Beyolu à qual as pessoas iam com suas roupas de *Bayram*¹, não. Mas em comparação com sua situação de vinte anos atrás, sim.
- Por quê? Era muito ruim há vinte anos?
- Quando foi a última vez que a senhora foi a Istambul?
- Para mim não existe ir para Istambul, senhorita. Existe o sonho de voltar a Istambul. Agora isso é impossível... Infelizmente, minha saúde não permite que eu viaje, mas, se perguntar quando vim para cá, já faz sessenta anos. Desde então sempre sonho com Istambul.
- Faz sessenta anos que não visita Istambul?
- Sim, sessenta anos.
- Mas... e a língua?
- O que tem na minha língua?

¹ *Bayram*, em turco, refere-se a qualquer festividade religiosa. (N.T.)

- O idioma, quero dizer...
- Sim?
- Sei lá, seu turco não está ruim de maneira alguma. Quero dizer, em relação aos sessenta anos que se manteve distante.
- A senhorita é muito gentil.
- Falo a verdade.
- Quando o meu querido Aldo ainda estava vivo, falávamos turco. Mas ele faleceu há seis anos. Desde então, foi isso o que restou na minha memória. Eu também acompanho canais turcos na televisão.
- A meu ver, não está nem um pouco ruim. Aliás, eu diria que fala mais bonito que a maioria dos istambulitas.
- Ah, *vraiment*?
- Eu lhe asseguro.
- Mas e o seu sobretudo?
- Que há novamente com o meu sobretudo?
- Você vai se sentar com o seu sobretudo? Assim como um convidado?
- Está bem, vou tirá-lo agora mesmo.
- O seu cachecol foi feito à mão?
- Sim...
- De qualquer maneira, o roxo sempre é uma cor bonita para a lã. Você se importaria se eu perguntasse quem o tricotou?
- Claro que não me importo. Minha avó paterna o tricotou.
- Deveras? Você ama sua avó?
- Na verdade, ela era a única pessoa que eu amava na minha família. Mas infelizmente ela não está mais viva...
- Ah, sinto muito.

- Não se preocupe, é o fado.
- Perdão, como disse?
- Disse: “Não se preocupe, é o fado”.
- Fado... Por exemplo, faz tempo que não ouço essa palavra...
- De qualquer forma, não havia mais ninguém que a usava na escola, a não ser eu. Aliás, os professores riam muito de mim por usar esse tipo de palavra. Mas ela penetrou dentro de mim. Quiçá por causa de minha avó.
- Ou graças à sua avó.
- Sim, pode-se ver dessa maneira, claro.
- Por gentileza, pode deixar aí o seu sobretudo. Daqui a pouco a Zelda vem e o recolhe. Sinta-se à vontade, por gentileza. Como se estivesse na sua casa...
- Está bem, farei o possível.
- Como viu o anúncio?
- No meu tempo livre, eu vendo jornais para ganhar um dinheirinho. Ontem, após trabalhar até o meio-dia, fui sentar-me no parque. A pilha de jornais estava ao meu lado. Naquele momento soprou o vento e as folhas se espalharam. Ao tentar juntá-las, o vi. Por estar em turco, chamou minha atenção.
- Ou seja, você o viu enquanto lia o jornal.
- Eu não leio jornal.
- Nem jornais locais?
- Especialmente jornais locais.
- Mas por quê? A propósito, o que a Zelda pode lhe servir?
- Pode ser um café.
- Também temos chá. Fazemos ao modo de Istambul: bem forte.

– Obrigada. Prefiro café. Com leite e açúcar, por favor...

– Mais uma coisa: não é preciso gritar, senhorita. Zelda pode ouvi-la. O silêncio dela é completamente psicológico.

– Perdão.

– Não foi nada, não enrubesça. Disse-o para o seu conforto. Espero que não tenha se ressentido.

– Não, não fiquei ressentida.

– Mas você enrubesceu.

– Neste tipo... de entrevistas isso sempre ocorre comigo. É algo que não consigo evitar. Bom, agora eu já disse o que me fez enrubescer, pelo jeito vou enrubescer mais.

– Então é melhor eu deixá-la em paz.

– Não há problema algum.

– Onde estávamos?

– Não sei, eu também esqueci.

– Ah, *oui, les journeaux*... Você falava que não lia jornais.

– Não, não leio. A meu ver, os jornalistas pensam que, quanto mais notícias ruins escrevem tanto mais venderão. E eu não quero pagar para aborrecer minha cabeça com os problemas do mundo. A cada um bastam seus próprios problemas.

– Mas os livros também são assim, não?

– De qualquer forma, eu não leio romances ou outro gênero... É muito ilógico se preocupar com personagens imaginários quando é tão difícil lidar com seus próprios problemas.

– Então o que a senhorita lê?

– Ultimamente mais poesia.

– É mesmo?

– Sim... Bem, senhora Rosella... Se não me levar a mal, posso perguntar algo?

– Claro...

– O que estamos fazendo aqui?

– Estamos conversando, *mademoiselle*.

– Mas por quê? Quero dizer, sem dúvida a senhora não publicou aquele anúncio para conversar.

– Na verdade, foi exatamente para isso que o fiz.

– E se eu disser que não entendi?

– Não ficarei nem um pouco magoada... O que estava escrito no anúncio, a senhorita se lembra?

– Não preciso me lembrar, está aqui ao meu lado. Vou pegá-lo na minha bolsa e dar uma olhada.

– Não se incomode, eu digo: “Procura-se alguém que saiba turco. Pagamento satisfatório. Experiência não é importante. Dá-se preferência a não fumante”.

– Sim, era mais ou menos assim.

– Não mais ou menos, era exatamente assim. Pois eu mesma o escrevi. Mas tem razão de perguntar. Afinal, saiu de casa a esta hora da noite e veio ao outro extremo da cidade, bateu à porta, uma empregada muda a abriu e foi forçada a conversar com uma idosa. Dá para perceber que está entediada, mas, como precisa de dinheiro, não consegue se levantar e ir embora.

– Não quis dizer isso.

– *Je sais*. De qualquer forma, estava brincando.

– Para falar a verdade, não entendi suas palavras espirituosas.

– Há sessenta anos de diferença entre nós, senhorita. Não é pouco. Tem que entender que o humor muda um pouco com o tempo, não é mesmo?

– Desculpe, mas não há ninguém melhor do que a senhora para mudar de assunto.

– Ao contrário, senhorita, estamos nos aproximando do assunto. Vou tentar ser mais clara. O que estamos fazendo agora?

– Como a senhora mesma disse, estamos conversando.

– Essa é a razão da sua vinda para trabalhar.

– O quê?

– Conversar.

– A senhora fez um anúncio para encontrar alguém para conversar?

– Não qualquer um, senhorita. Para encontrar alguém que falasse turco.

– Estou tentando entender.

– Permita-me ajudá-la. Esta mulher velha que você está vendo passou os anos mais excepcionais, mais lindos, mais angustiantes e estranhos de sua vida em Istambul. As convivências que tive lá ajudaram a me moldar. Em Istambul, cada passo que dava, cada respiro que soltava tinha um significado grande para mim. Mas agora estou velha, doente e não me resta muito tempo. E, para piorar, o olvido aos poucos começa...

– Perdão, o que começa?

– O olvido, *mademoiselle*... Quero dizer, hum, esquecimento... Acho que a minha língua está cheirando um pouco a naftalina. Afinal, aprendi turco há sessenta anos.

– Não tem problema, senhora Rosella, a senhora é muito bondosa.

– Não vai pegar seu café?

– Ah, não a tinha visto. Como ela veio silenciosamente... Obrigada, dona Zelda.

– Zelda, querida, faça o favor de fechar a porta ao sair, *bitte*...

– Não há outra pessoa da família dela que tenha se salvado?

– Supostamente, há um irmão. Ela não viu com seus próprios olhos a morte dele e não tem coragem de investigar o passado por medo de descobrir que ele foi morto. Como não sabe o que aconteceu, ainda tem a esperança de que o irmão esteja vivo em algum lugar.

– Que horror!

– Onde estávamos?

– Falando da senhora e de Istambul...

– Sim, os anos mais autênticos de minha vida passei em Istambul. Agora, na minha idade, quando tudo se apaga devagar, sabe qual é a única coisa que não tolero esquecer?

– Istambul?

– Resposta errada. Tente mais uma vez.

– Senhora Rosella, eu não gosto nem um pouco de adivinhações. Diga-me, por gentileza.

– O turco.

– O turco?

– Sim, o turco... Pois as lembranças daqueles anos vivem no turco, junto com o turco. Eu não sei quando a minha memória vai falhar totalmente, mas os médicos dizem que a qualquer momento pode haver uma piora muito rápida. Se eu esquecer o turco, tenho medo de que tudo o que vivi desapareça silenciosamente. É por isso que coloquei o anúncio...

– A senhora quer conversar em turco comigo?

– Sim... Não muito, se a senhorita vier um dia na semana será o suficiente. Sentamo-nos por duas horas e

conversamos, como agora. Assim, eu também não esquecerei o turco. E é claro, também as vivências que me moldaram...

– E sobre o que conversaremos?

– Qualquer coisa... Sobre sua escola, o lugar onde mora, um gato que viu quando vinha para cá... O trabalhador na rua... As luzes das igrejas... Os últimos acontecimentos em Istambul... Sobre o que quiser... Basta que conversemos.

– Eu não sei, senhora Rosella.

– Nos seus olhos, não há tanto entusiasmo.

– Como disse, não sei.

– Não me dê uma resposta imediatamente. Pense um pouco. E, se não quiser, por favor, não aja com os sentimentos. Não haverá ressentimentos. Afinal, estamos fazendo um negócio, *n'est-ce pas?*